



Clio

Clio

Rafael Scopacasa

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
rafaelsco@hotmail.com

Resumo: De Hesíodo até Plutarco, Clio parece ter sido imaginada como a Musa que proporciona *kléos* – que glorifica e traz renome. Este artigo oferece um breve panorama de algumas referências a Clio na literatura greco-latina. Aspectos da relação de Clio com a História e os historiadores também são comentados.

Palavras-chave: Clio; Musas; literatura; historiografia.

Abstract: From Hesiod to Plutarch, Clio seems to have been characterized as the Muse of praise (*kléos*). This article presents a brief overview of references to Clio in ancient Greek and Latin literature. Aspects of Clio's connection with History and the historians are also discussed.

Keywords: Clio; Muses; literature; historiography.

1 O nome de Clio

Para o nome de cada Musa, dizem eles, os homens encontraram uma razão apropriada: Clio é assim chamada porque o louvor que os poetas cantam em seus encômios confere grande glória (*kleos*) àqueles que são elogiados. (DIODORUS, *Biblioteca Histórica* 4.7, tradução minha.)¹

O trecho acima, de Diodoro Sículo (século I a.C.), expressa uma teoria comum na antiguidade: de que o nome de Clio (*Kleíō*) estava

¹ Todas as citações de textos antigos são traduções feitas pelo autor, a partir das edições inglesas listadas na bibliografia.

associado à palavra grega *kléos*, normalmente traduzida para o português como “fama”, “louvor”, “glória” ou “renome” (literalmente, “aquilo que se ouve”). Pela sua associação com *kléos*, o nome de Clio estaria também próximo dos verbos gregos *klúein* (ouvir), *kleieîn* (louvar) e *kaleîn* (chamar, conchamar).

Tanto quanto sabemos, a mais antiga referência a Clio encontra-se no poema *Teogonia* de Hesíodo, provavelmente composto no século VII a.C. Naquela época, os gregos acreditavam que somente os deuses podiam saber de certas coisas – tais como os segredos sobre as origens do universo e dos próprios deuses. É justamente disso que trata o poema de Hesíodo: a palavra “teogonia” pode ser traduzida literalmente como “geração divina/ dos deuses”. Por isso, logo no começo do poema, Hesíodo pede a ajuda das Musas, um tipo especial de deusas que tinham o dom de lembrar-se de absolutamente tudo (passado, presente e futuro). Hesíodo apresenta a si mesmo como uma espécie de instrumento, através do qual a voz das Musas pode chegar até o seu público, e o conhecimento sobre a origem dos deuses e do universo pode chegar até os mortais.

Ao invocar as Musas e pedir o seu auxílio essencial, Hesíodo as nomeia individualmente: além de Clio, temos Polímnia, Urânia, Terpsícore, Tália, Melpômene, Calíope, Euterpe e Erato. Para o classicista Martin West, é possível que Hesíodo tenha inventado esses nomes especificamente para a *Teogonia*, possivelmente de improviso (WEST, 1966, p. 180). Se aceitarmos essa hipótese, poderíamos especular que Hesíodo imaginou Clio como a Musa que proporciona *kléos* – que glorifica e traz renome. Do ponto de vista histórico, sabemos que o conceito de *kléos* era importante na sociedade grega da época de Hesíodo. Em particular, fama e renome parecem ter sido valores especialmente caros à nobreza grega do século VII a.C., para quem Hesíodo provavelmente compôs o seu poema originalmente. Eram esses aristocratas que pagavam o poeta para criar canções que os divertissem e, ao mesmo tempo, celebrassem a sua visão de mundo e os seus valores.

De fato, *kléos* é o grande objetivo de vida dos heróis que povoam os mais antigos poemas gregos que conhecemos, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Ambas são atribuídas a Homero, poeta um pouco anterior a Hesíodo,

que viveu provavelmente na segunda metade do século VIII a.C. *Kléos*, como valor inestimável, está presente sobretudo na *Iliada*, poema que narra o último ano da Guerra de Troia. *Kléos* é o que buscam os heróis dessa história, não importa em que lado da guerra eles se encontram. Aquiles, Ajax e Pátroclo, mas também o troiano Heitor: todos querem ganhar renome para si próprios e serem lembrados após a morte. Esta é a maneira que poderão se aproximar da imortalidade, continuar vivendo na memória dos homens. Em Homero, portanto, *kléos* é o máximo que um mortal pode almejar. Trata-se do mais próximo que um mortal pode chegar da condição divina.

2 Clio e os poetas

Depois de Hesíodo, reencontramos Clio em poemas gregos do período clássico (séculos V e IV a.C.). Mais especificamente, Clio está presente nas “odes de vitória” dos poetas Píndaro e Baquilides. Esses eram poemas compostos para elogiar os vencedores das competições nos jogos pan-helênicos, entre eles os jogos olímpicos. Não apenas a pessoa do vencedor e sua família eram louvados, como também as suas cidades de origem. Para tanto, Píndaro e Baquilides invocavam Clio como fonte de inspiração e conhecimento.

A Grécia antiga era um mundo de cidades-Estado, muitas delas com suas próprias leis, governos e territórios. As cidades tendiam a guerrear entre si por causa de disputas e competição por recursos naturais limitados, como terra e água. Nesse contexto geopolítico um tanto violento, os jogos pan-helênicos eram ocasiões de extrema importância, não somente do ponto de vista religioso e esportivo, mas também politicamente. Realizados periodicamente nos quatro grandes santuários do mundo grego (de Zeus em Olímpia e Neméia, de Poseidon em Corinto e de Apolo em Delfos), esses jogos forneciam um valioso contexto para que as várias cidades-Estado gregas se reunissem em um ambiente pacífico e de “trégua”. Eles ofereciam uma plataforma importante para que relações diplomáticas fossem renovadas, e para que o sentimento de união e comunidade entre os gregos fosse reforçado –

fenômeno que estudiosos modernos denominam “pan-helenismo” (ver MITCHELL, 2007).

Tomemos, como exemplo, um trecho inicial da terceira ode epinícia de Baquilides, feita em homenagem a Hierão, de Siracusa (uma poderosa cidade grega na Sicília), que havia vencido a corrida de carruagens nos jogos olímpicos de 468 a.C.:

Clio, que dá doces presentes, canta os louvores da mais fértil senhora da Sicília, Deméter, e de sua filha de guirlandas de violeta, e dos cavalos velozes de Hierão, competidores de Olímpia; pois eles aceleraram com a vitória majestosa e com Aglaia pelo [rio] Alpheus [que corre perto do santuário de Olímpia] [...], onde fizeram do filho de Deomomenes um homem próspero, um vencedor ganhando guirlandas. (BACCHYLIDES, *Ode epinícia n.3*, linhas 1-8, tradução minha.)

No trecho acima, Clio é chamada para “cantar os louvores” da deusa Deméter e sua filha Perséfone, em vista de sua associação com a Sicília, terra natal do vencedor. Aqui temos Clio sendo invocada para fazer aquilo que ela faz melhor: conferir *kléos* e louvar (*kleieîn*), não somente as deusas mas, por extensão, toda a Sicília.

Uma imagem semelhante de Clio como conferidora de boa fama aparece na ode epinícia n.12, também de Baquilides, escrita em homenagem a Teisias de Egina, vencedor da luta greco-romana nos jogos do santuário em Neméia, no Peloponeso:

Como um habilidoso timoneiro, ó Clio, rainha da canção, guia meus pensamentos agora em um curso reto, se é que você o fez antes. Pois Vitória rainha manda-me ir até a próspera ilha de Egina, até meus amigos hospitaleiros, adornar a cidade erguida por deuses e a luta de pernas fortes em Nemea (BACCHYLIDES, *Ode epinícia n.12*, linhas 1-8, tradução minha.)

Mais uma vez, é a Clio que o poeta recorre para “adornar” (*kosmésai*) o local de origem do vencedor: no caso, trata-se da ilha

de Egina, próxima a Atenas. Também significativa é a caracterização de Clio como “rainha do canto” ou do “hino” (*humnoánassa*). Clio é apresentada aqui como aquela que melhor transmite, através do canto, as boas qualidades do objeto louvado.

Assim como Baquilides, Píndaro menciona Clio nas suas odes de vitória. Lá ela aparece como responsável pela “luz” que ilumina Aristocleides de Egina, vencedor do *pankrátion* (uma espécie de luta livre) em 475 a.C.:

Pela graça de Clio em seu adorável trono e por causa de seu espírito vitorioso, a luz brilhou sobre você desde Neméia, Epidauro e Mégara. (PÍNDAR, *Ode neméia n.3*, linhas 83-84, tradução minha.)

Clio continuou a ser homenageada entre poetas gregos nos séculos seguintes. Nós a encontramos na obra de Calímaco, que viveu no século III a.C. em Alexandria, onde trabalhou como estudioso e pesquisador na famosa biblioteca daquela cidade. Calímaco escreveu obras em prosa como as *Pinakes*, uma espécie de catálogo comentado das obras contidas na biblioteca de Alexandria. Interessava-se também pelo passado: no seu poema *Aetia*, que chegou até nós em estado fragmentário, ele relata uma série de curiosidades sobre várias cidades do mundo grego e sobre os costumes obscuros associados a algumas delas.

Clio aparece nesse poema como fonte de conhecimento detalhado de tais “histórias locais” e suas peculiaridades. O narrador, por exemplo, lhe faz perguntas um tanto específicas, do tipo: “Por que motivo Haliarto, a cidade de Cadmo, comemora a Teodesia, um festival cretense, às margens de Cissousa?” (CALLIMACHUS, *Aetia*, livro 2, linhas 87-88, tradução minha).

Ela também fornece explicações longas e detalhadas sobre acontecimentos obscuros do passado e seus resultados curiosos no presente; por exemplo, ao esclarecer por que os cidadãos de Messana (cidade grega no sul da Itália) não comemoravam um fundador específico, dado que havia uma controvérsia sobre quem havia fundado a cidade:

Mas quando os construtores fizeram fortes as torres de madeira com ameias, e as colocaram ao redor da foice de Cronusa – pois em uma caverna está escondida sob a terra a foice com a qual ele [Cronos] cortou os genitais de seu pai – eles [os dois fundadores] brigaram a respeito da cidade. Um desejava ... e o outro, na oposição, discordou. Eles brigaram um com o outro. E eles foram para Apolo e perguntaram a quem a nova fundação deveria pertencer. E ele disse que a cidade não deveria ter nem Perieres nem Cratamenes como fundador. O deus falou, eles ouviram e saíram; a partir de então, até hoje, a cidade não invoca seu fundador pelo nome. E os magistrados convidam-no assim ao sacrifício: “Seja quem for que construiu a nossa cidade, que tenha misericórdia e venha à festa; pode trazer dois e mais. Nenhum sangue de boi foi derramado”. (CALLIMACHUS, *Aetia*, livro 2, linhas 69-85, tradução minha.)

3 E os historiadores?

Clio é popularmente conhecida hoje como a Musa da História. Entretanto, na antiguidade, a questão era mais complicada. Nas obras de Calímaco mencionadas acima, Clio já parece adquirir um certo caráter “histórico” ao narrar fatos curiosos sobre as fundações de cidades como Messana e Haliarto – um tipo de saber que poderia ser chamado de “história local”.

Ao que parece, a associação de Clio com a História só começa a ser formulada mais explicitamente em textos da época romana, cerca de 300 anos depois de Calímaco e 700 anos depois de Hesíodo. Tomemos, por exemplo, o poema épico “Argonautica” de Valerius Flaccus, composto em latim por volta de 70 d.C.: “Clio...para ti, ó Musa, foi confiado o poder de conhecer os corações dos deuses e o modo como as coisas vêm a ser” (VALERIUS FLACCUS, *Argonautica*, livro 3, linha 15).

Mais explícito, talvez, é o seguinte trecho da obra “Tebaida”, do poeta romano Statius/ Estácio: “Começa, Clio que jamais esquece, pois todas as eras estão sob a sua tutela, e todos os anais cheios de narrativas do passado” (STATIUS, *Tebaida*, livro 10, linha 630).

Por outro lado, Clio continuou sendo reconhecida como a Musa conferidora de louvor e fama. Também na época do império romano, o filósofo grego Plutarco afirmava:

Clio proporciona aquilo que é referente ao louvor (*enkomiastikón*), pois louvores são chamados ‘*kléa*’; e Polímnia proporciona aquilo que é referente à história (*historikón*), pois [seu nome] é a lembrança de muitas coisas (PLUTARCH, *Quaestiones Convivales* 9.14, tradução minha.).

Ao lembrar que Clio estava associada à celebração elogiosa de pessoas e feitos, Plutarco parece, curiosamente, atribuir a “história” para uma outra Musa, Polímnia – cujo nome ele parece interpretar como sendo uma junção das palavras *polú* (muito) e *mneme* (memória). Testemunhos como esse revelam a fluidez da maneira como as Musas eram imaginadas no mundo antigo.

O que os romanos – e antes deles, os gregos – chamavam de “história” era um tanto diferente daquilo que nós entendemos por esse termo hoje. Por exemplo, muitos historiadores gregos e romanos estavam preocupados, principalmente, em explicar as causas de grandes conflitos e guerras; ao passo que hoje a História é entendida como um empreendimento mais amplo, que explora as transformações no comportamento humano no tempo (a questão é muito complexa: para uma discussão mais aprofundada ver MARINCOLA, 2011).

A palavra grega *historía* está associada à ideia de investigação, inquérito, indagação. Ela possui grande destaque na obra de Heródoto de Halicarnasso (484 – 425 a.C.), cujo grande objetivo era explicar as causas do conflito entre os gregos e os persas – as chamadas “guerras persas” de 490-479 a.C. Por muito tempo Heródoto foi popularmente conhecido como o “pai da História”, mas hoje em dia sabemos que os gregos não inventaram o estudo do passado. Textos provenientes das grandes civilizações do Oriente Próximo (tais como os assírios, babilônios e hebreus) nos mostram que o registro, interpretação e análise de eventos passados já era feito muitos séculos antes de Heródoto nascer (ver VAN DE MIEROOP, 1999).

Para aqueles acostumados a pensar em Clio como a Musa grega da História, pode chamar atenção o fato de que ela não parece ser mencionada por Heródoto ou pelos outros autores gregos hoje considerados “historiadores”, como Tucídides e Xenofonte. À primeira vista, o fenômeno se explicaria pelo fato de que Heródoto e Tucídides escreviam em prosa, enquanto as Musas eram normalmente invocadas por poetas – ou seja, aqueles que compunham textos em verso e métrica.

Contudo, pode haver mais uma explicação, que tem a ver com o próprio conceito de História tal como ele se configurou no pensamento grego do século V a.C.. Tanto Heródoto quanto Tucídides se apresentavam como detentores de um conhecimento que não vinha dos deuses, mas do trabalho árduo de observação e investigação (*historia*: ver acima) que eles próprios afirmavam realizar. Se Heródoto pretendia explicar por que gregos e persas foram à guerra, Tucídides foi ainda mais ambicioso, desejando descobrir algo como as “leis universais” que explicariam as causas de todas as guerras, a partir de um exame da guerra do Peloponeso, que ele acreditava ser a maior de todas. Tanto em um caso quanto no outro, o grande mérito de Heródoto e Tucídides, nas palavras deles próprios, era justamente o de não depender inteiramente de deuses para adquirir conhecimento valioso. Esses autores aparentemente não validavam o seu próprio saber como revelação divina, pelo menos não exclusivamente. Ao contrário, eles usavam novos métodos de validação e legitimação do conhecimento que independiam das Musas: Heródoto fez bastante uso de relatos orais de outros: daí o seu uso frequente de frases como “eu escutei/ ouvi dizer” (*akoé*) e “dizem que...” (*légetai*). Escrevendo em meados do século V a.C., Heródoto vivia numa sociedade grega que ainda era predominantemente oral: isso explicaria a sua aceitação do “ouvir dizer” como método legítimo de investigação e coleta de evidências. Já Tucídides procurou demonstrar a veracidade de seu relato sobre a guerra do Peloponeso a partir do princípio da “autópsia”, isto é, do testemunho ocular: para ele, a melhor maneira de compreender um determinado acontecimento é testemunhá-lo de primeira mão, com os próprios olhos (HARTOG, 1980). Assim, Tucídides legitimava a sua própria narrativa da guerra do Peloponeso, já que participara dela como comandante ateniense.

Como vimos, Clio continuou sendo invocada entre os gregos até a época romana. Contudo, entre aqueles gregos que podemos chamar de historiadores, Clio parece ter tido menos importância do que poderíamos, talvez, esperar. Ela que, como as outras Musas, era tradicionalmente invocada como deusa reveladora de saber para os mortais, aparentemente não ocupava o primeiro plano no mundo do investigador autônomo.

Referências

BACCHYLIDES. *The Poems and Fragments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1905.

CALLIMACHUS, MUSAEUS. *Aetia, Iambi, Hecale and Other Fragments. Hero and Leander*. Edited and translated by C. A. Trypanis, T. Gelzer, Cedric H. Whitman. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973. (Loeb Classical Library 421)

DIODORUS. *Diodorus of Sicily in Twelve Volumes with an English Translation by C. H. Oldfather*. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1989. v. 4-8

HARTOG, F. *Le miroir d'Hérodote*. Paris: Gallimard, 1980.

MARINCOLA, J. *Greek and Roman Historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

MITCHELL, L. *Panhellenism and the Barbarian*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2007.

PLUTARCH. *Plutarch's Morals*. Translated from the Greek by several hands. Corrected and revised by William W. Goodwin. Boston: Little, Brown, and Company, 1874.

PINDAR. *The Odes of Pindar including the Principal Fragments with an Introduction and an English Translation by Sir John Sandys, Litt.D., FBA*. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1937.

STATIUS. *Thebaid, Volume I: Thebaid: Books 1-7*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2004. (Loeb Classical Library, 207)

VALERIUS FLACCUS. *Argonautica*. Translated by J. H. Mozley. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1934. (Loeb Classical Library 286)

VAN DE MIEROOP, M. *Cuneiform texts and the writing of History*. New York: Routledge, 1999.

WEST, M. L. *Theogony*. Oxford: Clarendon, 1966.

Recebido em: 12 de janeiro de 2019.

Aprovado em: 10 de março de 2019.